

APRENDER EM PAZ: PESQUISAR SOBRE A PREVENÇÃO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO BÁSICO

FRANÇA, Vicente Celestino de
ULUSÓFONA/EMVG
vicentecfranca@gmail.com

RESUMO:

A presente pesquisa tem por finalidade investigar as Representações Sociais de alunos, pais e professores sobre a violência escolar em duas escolas públicas municipais da periferia da cidade do Recife – PE. Sendo esta região do nordeste brasileiro, marcada por grande exclusão sócio-econômica e detentora de um dos mais altos níveis de violência do Brasil. O marco teórico e metodológico deste trabalho tem na Teoria das Representações Sociais do francês Serge Moscovici e no conceito de violência de Michel Maffesoli, as bases que nortearão a compreensão das representações das relações de violência na escola, na família e na sociedade. Optamos por uma pesquisa qualitativa que por meio das entrevistas e da técnica de associação de palavras com desenho, verificamos as representações sociais dos sujeitos desta investigação sobre a violência escolar e ao analisá-las, concluiu-se que estas representações são autônomas, geradas e identificadas no cotidiano escolar, social e familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, Representações Sociais, Violência Escolar.

ABSTRACT:

The purpose of this survey is to interview Students', Parents' and Teachers' Social Representations about violence at school, in two municipal, community schools in the suburbs of the City of Recife-PE. This area, located in the Northeast of Brazil, marked by a great socioeconomic exclusion, has one of the highest levels of violence in Brazil. The theoretical and methodological characteristics of this paper have in the theory of Social Representations, by Serge Moscovici, a Frenchman, and in Michel Maffesoli's concept of violence, the bases that will guide the understanding of Representations of violent relationships at school, in the family and in the community. It was decided to make a qualitative survey where, through interviews and word association techniques in drawings, it was found the Social Representations of the subjects of this investigation of school violence. Upon analyzing them, it was concluded that these Representations are autonomous, generated and identified in school, social and family's.

KEYWORDS: violence, Social Representations, school violence.

INTRODUÇÃO:

Atualmente muito se tem falado sobre o aumento da violência no mundo globalizado e seus reflexos na instituição escolar. Isto porque ela já faz parte do nosso cotidiano e seus efeitos, atinge principalmente as camadas mais pobres e oprimidas do nosso planeta. A nossa opção em estudar as manifestações da violência escolar e as formas de prevenção no ensino básico, indicam, sobretudo, a necessidade de

pesquisarmos a violência em seu contexto mais amplo e seus desdobramentos na Escola rumo à construção de uma educação libertadora.

Na realidade brasileira contemporânea, a violência a que mais estão sujeitas as nossas crianças, é aquela chamada violência estrutural. Segundo dados do censo demográfico 2000 do IBGE, cerca de 53% das crianças e adolescentes brasileiros entre 0 e 17 anos, encontram-se em famílias com renda mensal de até ½ salário mínimo per capita. São, aproximadamente, 32 milhões de crianças e jovens vivendo em estado de pobreza e miséria, com precárias condições de alimentação, habitação, saúde, educação e trabalho. Essa situação estrutural é agravada ainda mais pela organização do crime em torno do narcotráfico. Estima-se que grande número de crianças e jovens encontram-se em vida no caminho da morte por estarem envolvidas direta ou indiretamente com atividades do tráfico de drogas. Neste sentido o educador Paulo Freire (1987,p.170), denuncia a existência de um conflito velado no Brasil e na América Latina, em que: “milhares são mortos em vida, são sombras de gente, homens, mulheres, meninos desesperançados e submetidos a uma permanente guerra invisível”.

Nesta pesquisa, a Pedagogia do Oprimido, desenvolvida pelo educador Paulo Freire (1977), aqui configurada como elemento de inspiração para esta ação científica e a Teoria das Representações Sociais do sociólogo Serge Moscovici (1993) têm um papel fundamental, visto que elas não estão como um elemento casual, elas estão impregnadas de força, de contrastes e desejo de libertação da humanidade do flagelo da violência estrutural. Os sujeitos que figuraram o nosso estudo fazem parte de uma sociedade relacional-dinâmica impregnada de uma cultura de morte. E suas falas, comentários e desenhos revelam seu modus vivendes, e suas relações sociais.

OBJETIVOS:

- Conhecer as Representações Sociais sobre a Violência Escolar de Alunos, Pais e Professores em Escolas de Periferia da Cidade do Recife.
- Desenvolver ações de prevenção à violência na escola, através de parcerias com grupos organizados da comunidade escolar e instituições, para minimizar os problemas de violência na escola e a construção de uma cultura de paz.

METODOLOGIA:

Optamos por uma pesquisa qualitativa que teve como suporte teórico a Teoria das Representações Sociais do sociólogo Serge Moscovici. Onde para ele, estudar as Representações Sociais é fundamental porque possibilita compreender o modo de como o grupo humano constrói o seu conjunto de saber e expressam sua identidade social. Nesta Teoria, Moscovici (1993, p.237), retrata dois processos dialéticos: a ancoragem e a objetivação. Segundo este mesmo autor.

“... o primeiro processo dirige-se à ancoragem das representações, trazendo-as a categorias e imagens cotidianas e ligando-as a um ponto de referência reconhecível. O segundo processo está direcionado para a objetivação, isto é, transformar uma abstração em algo quase físico, traduzir algo que existe no nosso pensamento em algo que existe na natureza”.

Como instrumento de investigação, utilizamos à entrevista semi-estruturada, questionários e técnica de desenhos. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo temático (Bardin apud Minayo, 1994).

REFERENCIAL TEÓRICO:

A produção intelectual sobre a violência na sociedade brasileira teve maior repercussão nos últimos anos. Para Minayo (1990 ,p.12), “o nível de consciência social dos intelectuais sobre a violência aumentou consideravelmente a partir dos anos 60”. Pois a maioria da bibliografia levantada por nós, tem a década de oitenta como momento em que a violência urbana entrou em intensa produção das ciências sociais. Já os primeiros eixos de discussão foram Rio de Janeiro e São Paulo, como maiores metrópoles e centros acadêmicos.

O sentido elementar da violência é o da força originária (VIS, VIRTUS do grego), de energia interna que mobiliza o corpo, preservando-o da dispersão. Do latim, VIOLENTIA, que também significa força.

Entre tantos teóricos que falam sobre a violência, escolhemos Michel Maffesoli como um dos pensadores que na atualidade, melhor conceitua a violência.

Segundo Maffesoli:

A violência (força), como uma das formas que move as relações humanas, não deixa de levar em conta a instabilidade social como

porta de tudo aquilo que, ao invés de suprimir os antagonismos, tenta ordená-los. A força como elemento de ‘potência’ no jogo do dinamismo social. E como ‘a lógica do poder’, é a dominação, a redução ao uno. (MAFFESOLI apud GUIMARÃES, 1996 ,p.8).

Esta potência conduz ao pluralismo no exercício do poder e no convívio social. E é ele que garante a ambivalência das forças políticas e sociais. Para Maffesoli, “a sociedade deste fim de século caracteriza-se pelo vaivém constante entre massificação e o desenvolvimento de micro-grupos, entre a subjetividade e o coletivo”.¹

Neste contexto, o vaivém na sociedade se dá de forma conflituosa e ambígua e isto é a presença da violência na sociedade atual, mas como um fenômeno integrado nas forças que interagem na sociedade. Guimarães destaca que “Maffesoli não pretende inventar uma teoria da violência, mas reconhecer os elementos que a compõe”.² Maffesoli destaca três modalidades de violência:

A violência dos poderes instituídos:

Em sua obra, A Violência Totalitária, Maffesoli coloca a planificação e o controle racionalizado da vida social como sendo os objetivos fundamentais da burocracia: “outro elemento da burocracia é a domesticação da paixão, da agressividade e utiliza a ideologia do trabalho e pelo totalitarismo, domina e controla pela força a sociedade”.³

Porém, afirma o autor que o totalitarismo fracassa sempre, por mais que ele domine, ele está sujeito ao “ruído” e a incoerência do presente que “faz fracassar o projeto totalitário, através de explosões sociais, guerras ou catástrofes naturais, que não se pode programar”.⁴

A violência Anônima:

Esta é uma violência fundadora, e mostra que uma sociedade tem de identificar-se consigo própria, de estruturar-se coletivamente quando assume e controla a sua própria violência. As manifestações de violência como agressão, crueldade, é um dado “fundamental a vida social e ao invés de negá-lo é preciso ver como ele participa da estruturação da civilização”.⁵

¹ Ibidem, p.09

² Ibidem, p.09

³ Ibidem, p. 10

⁴ Ibidem, p. 11

⁵ Ibidem, p.12

Desta forma, a violência possui um aspecto construtivo, porque todas as manifestações revolucionárias deram origem ao novo na sociedade. Garante a tensão permanente e um duplo movimento, unindo anomia e ordem.

A violência banal:

A banalidade é tudo que está fora do alcance de todo o poder exterior, mas que alcança o prazer de estar juntos. Para Maffesoli, o conformismo das massas tem um duplo movimento: “ao invés de usar o ataque frontal, a sua estratégia é a prudência e a astúcia para enfrentar as imposições do controle social”.⁶

A violência banal é uma forma de resistência que dá origem a solidariedade orgânica, o espírito de conjunto, onde o desejo coletivo permite a harmonia dos contrários, feita de excesso e de violência, mas que reúne o que havia dispersado.

Ao escolher este referencial, cuja origem é francesa, não pretendemos ignorar pensadores nacionais, afinal, a violência não tem pátria exclusiva. Ela se manifesta em todos os países, mas o que nos motivou a escolher Maffesoli, foi a compreensão que ele tem do real e da violência e ao mesmo tempo, nos conduz a uma interpretação com produções de diferentes tipos e diferentes efeitos. E é isso que na busca da interpretação da violência escolar quisemos nos dedicar. Desta forma, apresentaremos a seguir a literatura sobre a violência escolar.

É no contexto de violência em que vivem os sujeitos que pesquisamos. A violência faz parte de seu mundo e da sociedade. Pesquisamos duas escolas municipais do mesmo bairro de Água Fria, Recife-PE. É neste palco da vida que os agentes escolares estão construindo suas representações através de suas relações com os colegas, professores e familiares. É também o terreno das relações sociais, que verificamos a violência externa que penetra a escola e influenciam as representações dos alunos entre si, com os professores e com os familiares. Observamos também a violência interna que definem as representações individuais e coletivas dos alunos e da comunidade educativa.

O sociólogo Serge Moscovici desenvolveu a Teoria das Representações Sociais como uma possibilidade de interpretação da realidade capaz de compreender a realidade

⁶ Ibidem, p.16

em sua dimensão histórico-crítica, conceituando as Representações Sociais da seguinte forma:

Por representações sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana, no curso das comunicações interpessoais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistema de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistos como a versão contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI 1981, p.181).

Dessa forma, o conhecimento é concebido como um mutirão em que todos atuam para sua construção, tomando como parâmetros, valores, crenças, princípios e todas as informações do cotidiano das pessoas.

Jodelet (1989, p.36) apresenta um conceito mais detalhado das representações sociais: “São uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Estudar as representações sociais é fundamental porque possibilita compreender o modo de como o grupo humano constrói o seu conjunto de saber e expressam sua identidade social.

Na Teoria das Representações Sociais, Moscovici (1993, p.237), retrata dois processos dialéticos: a ancoragem e a objetivação. Segundo este mesmo autor:

O primeiro processo dirige-se à ancoragem das representações, trazendo-as a categorias e imagens cotidianas e ligando-as a um ponto de referência reconhecível. O segundo processo está direcionado para a objetivação, isto é, transformar uma abstração em algo quase físico, traduzir algo que existe no nosso pensamento em algo que existe na natureza. Estes dois processos servem para familiarizar-nos com o infamiliar: aquele, transferindo-o no bojo do que pensamos ser visível e tangível, e, assim, colocando-o sob controle. (MOSCOVICI, 1981, p.192-193).

Assim, *ancorar* é classificar, é rotular e desta forma, se atribui um valor positivo ou negativo, e isto ocorre porque tomamos como parâmetro um protótipo armazenado em nossa mente e o comparamos. Já *objetivar* é transformar conceitos, noções, idéias e imagens em algo concreto.

Na pesquisa científica, as representações sociais têm um papel fundamental e é atualmente cada vez mais utilizado como instrumento de análise. Nesta investigação,

será de grande importância buscarmos as representações sociais da violência na escola. E é neste ambiente, que a criança e o adolescente vivem o seu papel de aluno. E enquanto aluno, ele traz consigo sua cultura, sua religiosidade, sua família e sua realidade social. Todos esses elementos exercem influência sobre a sua personalidade e seu convívio social. É nela que se aprimora seu desenvolvimento lingüístico, suas noções de ética e de moral, onde são formados os conceitos de bom e de mal comportado, de violento ou manso. Estes conceitos surgem das representações sociais que as crianças constroem a partir de sua convivência escolar, familiar e social. Elas representam sua experiência e sua vida. Aqui está o sentido de nesta pesquisa, trabalharmos as Representações Sociais de Violência Escolar: professores, pais e alunos.

RESULTADOS:

Detectamos nesta pesquisa as Representações Sociais da violência escolar vivida e pensada pelos pais, professores e alunos assim ordenados:

As Representações Sociais dos Pais:

Os pais representam à escola como um lugar de conflitos, visto que na pesquisa eles apresentam uma representação negativa da escola. Para eles a escola é um lugar muito violento, pela ação agressiva dos alunos, dos professores, dos próprios pais e dos agentes externos que atuam no entorno da escola. Esta representação, segundo Jodelet, na linha moscoviana, “é uma forma de interpretar a realidade cotidiana a partir de seu conhecimento prático”. (JODELET, 2001 ,p. 361). Ou seja, os sujeitos representam à violência escolar, a partir de suas observações, de suas práticas agressivas, quando batem nas crianças, abandonam-nas...; das agressividades dos alunos, em suas brigas, discussões geradoras da indisciplina escolar; pela ação agressiva dos professores, em suas expressões verbais, que manifestam a violência contra os alunos.

Observamos que as Representações Sociais dos pais tiveram sua origem na sua cultura popular, nas crenças, no cotidiano dos povos da periferia e em todo o seu contexto social, político e econômico.

Os pais também representam à violência escolar pela percepção que tiveram em revelar um movimento simultâneo da violência que é representada pelos agentes sociais

dentro e fora da escola. Ou seja, constatamos que as representações da violência são produzidas pelos agentes sociais, simultaneamente no interior da escola, pelos atos e ações violentas praticadas pelos alunos, professores e diretores. Como também é produzida no exterior, aqui significando o entorno da escola, pelas influências dos agentes externos, como traficantes, aliciadores de menores à prostituição infantil, ao alcoolismo. Da mesma forma, as influências da violência doméstica, como espancamentos, maus tratos, abandono, fome e trabalho infantil. Havendo uma correlação entre as representações da violência interna e externa da escola.

É uma afirmação da eficácia da teoria das representações sociais de Moscovici nesta pesquisa, uma vez que ele afirma: “As representações sociais se constroem na ação de conhecer, reconhecer e fazer o cotidiano”. (*Moscovici, p.1978*). Neste sentido, o método moscoviciano favoreceu a revelação da violência escolar por meio das representações sociais dos pais. Porém, estas representações revelaram também a fragilidade no discurso dos pais sobre a violência. Não houve da parte dos pais uma ligação das representações sociais da violência na escola com a violência estrutural, gerada pelo processo de globalização, que apesar de seus benefícios tecnológicos, de possível melhora na qualidade de vida, trouxe também o agravamento das tensões sociais, o aumento do desemprego, o crescimento da exclusão social e conseqüentemente o aumento mundial da violência, já configurado nesta pesquisa. Este silêncio dos pais, aqui entendido como não conhecimento do estudo da violência, é descrito por Maffesoli (1987), como expressão da violência banal: “Que é decorrente da partilha de um território real ou simbólico (...) vinda da maioria silenciosa do povo”. (Maffesoli apud Laterman, 2000, p.30) Maffesoli conceitua a violência banal como a resistência cotidiana dos oprimidos às imposições determinadas por aqueles que determinam o controle social. Neste sentido, o uso do silêncio, do aparente desconhecimento das estruturas de violência, nas representações sociais manifestadas pelos pais é uma forma do saber-viver-popular que por suas ambigüidades, no dizer de Guimarães (1996), ora resiste à comunicação oficial pelo silêncio e pela não resposta e ora, afligem pela palavra o poder institucional. Para Maffesoli (1987) este jogo duplo dos oprimidos são estratégias que desconstroem a lógica do poder impedindo que a vida social perca sua qualidade e interesse.

As Representações Sociais dos Professores:

Verificamos na pesquisa, que o professor, imprescindível elemento na condução do saber, vive hoje rodeado de contradições e conflitos que abalam a prática docente. Dentre eles, a desvalorização profissional, os baixos salários, a queda na qualidade do ensino, ausência de condições materiais e pedagógicas ao magistério e o enfrentamento das agressividades e violência escolar no cotidiano.

Percebemos que os professores representaram-se como uma classe literalmente desvalorizada frente à importância de sua função na sociedade, portanto, expressam viver um paradoxo: como responder a tantos desafios sem as condições necessárias para solucioná-los? Entre elas, a questão da violência escolar, nesta pesquisa evidenciada.

Os professores representam as relações que na opinião de Paulo Freire (1987) “São concretas, existenciais, elas implicam um conhecimento, representam uma ação e implicam uma missão” (Freire apud Jorge, 1979, p.52). Neste sentido à medida que os professores identificam na prática pedagógica, a violência escolar, ele é chamado a conhecer criticamente estas representações e ao mesmo tempo, no pensamento freiriano, ele, então, será capaz de se lançar para dar sua resposta frente ao desafio da violência da e na escola.

As Representações Sociais das Crianças:

As crianças representam a escola não como um mundo de paz e harmonia, mas como um mundo fechado sobre si mesmo, aprisionando-os numa trama de lutas e agressões. Neste aspecto fazem lembrar Michel de Foucault (1977), para quem a escola é companheira dos hospitais, das clínicas psiquiátricas, dos quartéis, dos conventos, pequenas prisões destinadas a disciplinar e a domesticar os corpos e as condutas.

A violência presente nos grafismos, representa em última análise, a violência social, representada pelo abismo entre as classes sociais. Pela ausência de políticas públicas inclusivas, pela apartação, pelo desemprego, pela urbanização desordenada.

A efetivação desta pesquisa nos levou a uma ação concreta junto às comunidades educativas da periferia da cidade do Recife com a fundação da ONG Cultura de Paz, trabalhando nas escolas de área de risco, oficinas de prevenção à violência escolar com pais professores e alunos atualmente em excussão na Escola Municipal Vasco da Gama.

REFERÊNCIAS:

FOUCAULT, Michell. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A Dinâmica da Violência Escolar. Conflito e Ambigüidade**. Campinas, Autores Associados, 1996.

JODELET, Denise. **Representations sociales: un domaine en expansion**. In Les Representations Sociales. Paris, PUF, 1989.

_____. **Representações Sociais**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

JORGE, J. Simões. **Sem Ódio nem Violência: a perspectiva da libertação segundo Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.

LATERMAN, Ilana. **Violência e Incivilidade na Escola: nem vítimas, nem culpados**. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. São Paulo, Vértice, 1987.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade**. Petrópolis, Vozes, 1994.

MOSCOVICI, Serge. **On social representations**. In: J. P. FORGAS (Ed.). **Social cognition: perspectives on everyday understanding**. London, Academic Press, 1981.

_____. **Introductory address [to the 1st International Conference on Social Representations]**. Pappers on social representations, 2(3), 1993.

WAISELFISZ, Jacobo. **Mapa da Violência III. Os Jovens do Brasil. Juventude, Violência e Cidadania**. Brasília, UNESCO, 2002.